

AULAS: DENTRO OU FORA DE SALA UMA EXPERIÊNCIA QUE FORTALECE O SUJEITO DO CAMPO

Tereza Maria de Jesus Faria Orlandini¹

Maria Cecília Ghedini²

RESUMO

Como o próprio título sugere, este trabalho trata de Educação, que é o ato de envolver, fazer parte, pertencer, estar envolvido no conhecimento e na transformação da realidade local. Aulas: Dentro ou Fora de Sala é uma reflexão da prática educativa onde cada vez mais o (a) professor (a) é questionado (a) e desafiado a chamar a atenção do (a) aluno (a) para a permanência na escola e para a sua aprendizagem. Essas práticas, dentro e fora de sala desperta a curiosidade possibilitando ao aluno partir do conhecimento vivenciado para o conhecimento pedagógico. Conduz o educando ao conhecimento do trabalho e importância da agricultura familiar rural tradicional e orgânica. Compreendendo que o campo é e deve ser um espaço de vida, um espaço de aconchego, e um espaço de 'cuidado'.

Palavras - chave: vida no campo, educação do campo, práticas pedagógicas.

¹ Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo - EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Cruzeiro do Oeste, PR. - São Jorge do Patrocínio, e-mail: terezamaria13@hotmail.com.

² Professora Assistente da Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Francisco Beltrão – PR, e-mail: ghedini61@yahoo.com.br

1 CONTEXTO

Iniciei a minha vida profissional ainda jovem, trabalhando no ensino primário de 1ª a 4ª série, na Escola Municipal Arminda Rodrigues de Souza em Pérola - Pr. Depois de quatro anos fui trabalhar na APAE onde a prática era essencial, o engatinhar, rolar, andar contribuíam para o desenvolvimento motor, cognitivo e psicológico; a dedicação e o carinho eram essenciais para a construção da autoestima e segurança de cada criança.

Assim, além de toda dedicação, as práticas se tornavam comuns e a aula fora de sala era fundamental para a compreensão e realização das atividades, o que me proporcionou grandes aprendizagens.

Ao retornar para o ensino regular, fui para a Sala de Recursos onde se dava o primeiro passo para a inclusão. Ao deparar com alunos repetentes, que há anos estavam estudando na 1ª série e se encontravam desmotivados para a aprendizagem, retomei “As Práticas dentro e fora de sala” e percebi que o aprendizado ia acontecendo gradativamente.

Fui compreendendo que era necessário partir do conhecimento do aluno para incentivá-los a novas descobertas. Assim, fui para o viveiro municipal conhecer as plantas que identificavam oralmente e, a partir disto, escrever nomes e formar pequenas frases; fizemos canteiros de mandioca para compreender a escrita e tudo que era produzido das raízes da planta; construimos árvores através de galhos secos e fomos dando vida através de recortes, colagens e a construção de ninhos com pássaros imaginários, os quais eram preenchidos por eles com aves compradas nos bazares.

Devido a problemas pessoais interrompi por 2 anos a minha vida profissional, retomando mais tarde em São Jorge do Patrocínio - PR, na Escola Municipal João Batista de Mello e voltando a trabalhar com a Classe Especial de 1ª a 4ª série. Percebi que através de projetos pedagógicos era possível trabalhar com temas

geradores e assim unir a teoria à prática. Conhecer a vida diária de cada aluno e sua experiência de vida facilitava a sua aproximação com o conhecimento pedagógico.

Realizamos visitas nas casas dos alunos onde encontrávamos diferentes realidades e paisagens geograficamente interessantes, como pequenos rios com ou sem mata ciliar, casas com jardins e diferentes plantas, animais presos para o trato e animais soltos, descobríamos o trajeto em terrenos planos e com pequenas elevações.

Confirmei então a importância das práticas educativas dentro e fora da sala. Todo esse trabalho tinha como objetivo a escrita, a leitura de palavras, frases e pequenos textos, além de testar a memorização através das atividades orais relembando todo o trajeto e as imagens observadas no e durante o passeio.

Mas, foi no ano de 2005 que tive uma experiência na área de geografia que me marcou e me conduziu a continuidade das aulas práticas “dentro e fora da sala de aula”. Foi aí que percebi que a prática também poderia ocorrer fora da alfabetização e deveria estar presente em outras disciplinas.

Foi nesse ano que assumi o concurso estadual em Geografia no Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela na mesma cidade. Em uma aula sugeri uma atividade através de recortes onde os alunos em grupos iriam criar um tema para pesquisa e discussão. Um dos grupos deu como título aos seus recortes “a agricultura”, e foi o tema que achei mais fácil para iniciar a discussão, pois além de ter alunos do meio rural, eu já havia participado de vários projetos no ensino fundamental, os quais me dariam subsídios para essa discussão.

E quando iniciamos a conversa percebi que estávamos falando de realidades diferentes, os alunos desconheciam por completo a realidade do município. Não sabiam que a Secretaria da Agricultura dispunha de técnicos, veterinários, agrônomos e técnicos agrícolas, além de facilitar a vida do produtor com subsídios.

E fiquei muito surpresa, pois não conheciam nem por nome o secretário da agricultura, pois é um município pequeno e sua economia base é a agricultura. Foi aí que entrei em contato com o secretário da agricultura da época solicitando que

apresentasse a realidade do município, inclusive de famílias que vivem da agricultura e possuem boa qualidade de vida com renda positiva.

Na explanação feita pelo secretário uma frase muito me chamou a atenção: “Devemos tratar a nossa propriedade como uma pequena empresa, é um trabalho diário e intenso...” Ao final da palestra voltamos para a sala para discutir as novas informações.

Os alunos haviam recebido informações vivenciadas pelas suas famílias, mas muitas vezes não há diálogo dos pais com os filhos sobre este contexto do trabalho, pois em sua maioria, o desejo das famílias é que os filhos vivam na cidade para estudar, arrumar emprego, terem uma vida diferente e melhor do que eles tiveram. Pudemos conversar, trocar informações e isso foi fantástico, pois entre uma fala e outra, um dos alunos disse: “Professora eu já ia vender minhas vacas para ir trabalhar na fábrica de costura, mas acho que quero ser dono do meu nariz, da minha vida.” No final do ano de 2010, esse aluno acabou de concluir a tão sonhada irrigação no pasto. Desde então, sempre trabalhei aliando a prática e a realidade local.

Em 2007, no Colégio Estadual Marechal Arthur da Costa e Silva em Esperança Nova - PR iniciava um novo desafio, entre outras turmas, trabalhava com uma turma de 7ª série, onde havia alunos em diferentes níveis sociais e intelectuais.

Mas o meu maior desafio estava com 3 alunos, um negro, pobre e muito tímido com baixa autoestima, mas com uma habilidade incrível no desenho livre, extremamente criativo. O segundo, encontrava-se desanimado para os estudos, com muita dificuldade na escrita e na interpretação e o terceiro, um aluno extremamente agressivo oralmente, dono de si. No entanto o segundo e o terceiro apaixonados pela música. Foi necessário um semestre para eu descobrir as habilidades desses meninos, mas foi aí que pude desafiá-los, buscando resgatar a autoestima e apresentar trabalhos dentro da capacidade de cada um.

O primeiro passou a ser o desenhista do grupo, toda sua pesquisa era apresentada em forma de desenhos e o segundo e terceiro todo o seu trabalho era

apresentado em forma de música. E foi no 3º bimestre que aconteceu a grande explosão dos meninos, em uma pesquisa sobre a realidade dos afro-descendentes no Brasil, realizamos um show de apresentações fora do colégio para a comunidade local, onde os alunos com habilidades no computador apresentariam sua pesquisa em slides, outros com danças, o primeiro com sua habilidade acabou por ajudar todos os grupos com seus desenhos, o segundo e o terceiro fizeram uma paródia e cantaram com a alma, levantando a plateia, (colegas, pais, mães e a comunidade local) foi emocionante! A partir daí os problemas de aprendizagem destes adolescentes foram solucionados, para mim, como professora, foi uma conquista incrível.

Em 2008, neste mesmo colégio, trabalhando com os alunos de 8ª série sobre o desenvolvimento industrial e as mudanças ocorridas, realizamos um trabalho interdisciplinar, onde a geografia buscava através da pesquisa e entrevistas compreender as mudanças ocorridas na paisagem do município e o trabalho do homem do campo como grande responsável por tais mudanças. E o professor de Língua Portuguesa usava todas essas informações para trabalhar a produção de textos obtida pelos alunos através das entrevistas realizadas no decorrer das atividades. Foi um trabalho maravilhoso, pois os alunos montaram no *power point* todas as mudanças ocorridas no município desde a sua origem até aos dias atuais e foi apresentado para os entrevistados, que participaram com muito entusiasmo.

Em novembro do ano de 2009 no Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela em São Jorge do Patrocínio trabalhando a realidade deste município, com os alunos de 6ª série, sugeri uma entrevista composta de 10 questões, e foi muito interessante, pois essa prática permitiu um diálogo entre os alunos e os proprietários antigos do município.

A alegria em conhecer algo tão diferente era contagiante, pois as pessoas do campo são muito receptivas e gostam de conversar, de contar suas experiências e para os alunos, essa troca, era fascinante. No entanto, na correria não consegui fechar o trabalho como eu esperava, que seria apresentar o resultado através de

gráficos. Só pude apresentar através de banner. Mas, foi muito interessante a observação do resultado, a mudança na paisagem, na cultura, no espaço rural e urbano, a forma de vida das pessoas, etc.

Em 2010, retornando ao Colégio Estadual Marechal Arthur da Costa e Silva em Esperança Nova, onde os alunos são em sua maioria de origem rural, resolvi retomar a entrevista com questões já realizadas no Colégio Estadual de São Jorge do Patrocínio, com o interesse de comparar as informações e também proporcionar um diálogo mais próximo do educando com o homem do campo.

Desta vez procurei me organizar de tal forma a dar sequência no trabalho até ao fim do objetivo. Sendo assim apresentarei aqui o trabalho paralelo dos dois municípios.

Ao tomar conhecimento da Pós em Educação do Campo, percebi que era uma grande oportunidade para aprimorar os meus conhecimentos e levantar alguns questionamentos que me auxiliasse a compreender melhor a Educação do Campo.

Através das práticas realizadas dentro e fora de sala, percebi que ao contrário do que eu havia aprendido, os meninos e meninas do campo possuem um conhecimento fantástico e diferenciado, pois vivenciam a prática diariamente junto com seus familiares, enquanto muitos meninos e meninas da cidade são submetidos a uma repetição doentia transmitida diariamente pela televisão, os chamados desenhos animados e programas infantis.

Contudo, com a experiência vivenciada e com o estudo realizado na pós-graduação em Educação do Campo, percebo que estou apenas no começo, pois é necessário desenvolver nos alunos (as) uma relação de pertença, para que eles (as) possam lutar pelo direito a terra, à floresta, à água, à alimentação e à educação, reconstruindo a sua identidade com a terra e com a sua comunidade.

2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

As aulas práticas “Dentro e Fora da Sala” foram realizadas em dois colégios de rede pública estadual de ensino que estão localizados em dois municípios diferentes, Colégio Estadual Marechal Arthur da Costa e Silva em Esperança Nova e Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela - Ensino Fundamental e Médio no município de São Jorge do Patrocínio – PR.

As atividades foram na disciplina de Geografia procurando realizar um trabalho que fosse ao encontro das necessidades dos alunos, do espaço urbano e rural, buscando partir do conhecimento vivenciado ao conteúdo curricular, estimulando o seu interesse por novos desafios e transformações. Procurei trabalhar com o espaço concreto, com a prática, para conduzi-los a uma melhor assimilação do conteúdo e da realidade vivida. Como diz Passini (2001), é essencial possibilitar ao aluno “ver, tocar e sentir”.

O Colégio Estadual Marechal Arthur da Costa e Silva, em Esperança Nova está situado na região noroeste em um município de pequeno porte com uma população de 1.800 habitantes (Censo, 2000), 60% residentes na zona urbana e 40% na rural. Em 2010, contava com 225 alunos. Desses 139 no Ensino Fundamental, nas séries 5^a a 8^a, no período matutino e 86 nas três séries do Ensino Médio do período noturno. Quanto ao perfil da comunidade escolar são provenientes de famílias com naturalidades miscigenadas e a maioria exerce a função de trabalhadores na agricultura familiar e no comércio local.

No Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela - Ensino Fundamental e Médio do município de São Jorge do Patrocínio, situado na região noroeste do Paraná, um município pequeno com uma população de 6.047 habitantes (senso 2010), residentes, 3.067 na zona urbana e 2.980 no espaço rural. Em 2011, conta com 597 alunos, sendo 245 no Ensino Médio, dividido nas três séries nos períodos matutino e noturno. As comunidades rurais trabalham com a agricultura familiar e têm participação ativa e organizada, com lideranças atuantes. As secretarias de Educação, Meio Ambiente e Agricultura dão total incentivo à educação e são parceiras nos projetos realizados nas escolas municipais e estaduais. A economia

está diretamente ligada às propriedades de agricultura familiar rural e no espaço urbano, a indústria.

As atividades foram desenvolvidas durante o 3º e 4º bimestre, desde o planejamento à conclusão. Realizamos então atividades como entrevistas, músicas, vídeos, trabalhos de interpretação de textos informativos e gráficos, visita de campo, slides com fotografias.

2.1. DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

2.1.1. Entrevista

A entrevista teve como objetivo possibilitar o diálogo entre estudante e trabalhador do campo; comparar informações; elaborar e trabalhar com gráficos; analisar; elaboração das sínteses; diferenciar agricultura familiar convencional e agricultura familiar orgânica; organizar e tratar dados, entre outras atividades, dentro de uma proposta de conhecer e interagir com o seu contexto. Após entrevista em uma roda de conversa, pude realizar as atividades através de banner mostrando o resultado da pesquisa e comparando as respostas para estimular o debate entre os alunos e assimilação das informações. Posterior à roda de conversa realizamos atividades interpretativas e avaliativas com o conteúdo da pesquisa, buscando o diálogo e o conhecimento da realidade da comunidade, reconhecendo o êxodo rural como um problema estrutural, eximindo os pais que perderam seu pedaço de terra ou o emprego rural da culpa pela situação que vivenciam com sua família.

Depois de realizada a tabulação dos dados, organizamos exercícios das Atividades para que compreendessem e analisassem o trabalho de pesquisa através da leitura de gráficos.

2.1.2. Canção “Obrigado ao Homem do Campo”

Dando continuidade a discussão sobre o trabalho das famílias do campo e sua importância, empreguei a canção “Obrigado ao Homem do Campo”, pois canções podem ser um complemento auxiliar das atividades desenvolvidas e esta canção composta por Dom e Ravel permite observar a presença e o valor dos camponeses. Compreendo que devemos estudar o universo caipira a partir de uma perspectiva das canções caipira/sertaneja, produzidas sobre ele, num contexto histórico e geográfico de (re) interpretação de seu modo de vida, revelando a experiência social das classes subalternas, descobrindo e interpretando evidências da história nos discursos das classes dominadas, estimulando o questionamento de uma possível manipulação exercida por grupos dominantes sobre o ato do esquecimento da cultura do outro como aponta Araújo (2003), quando afirma que o ato de esquecer pode ser resultado de manipulação exercida através de diferentes mecanismos dos grupos dominantes que se utilizam da mídia, da música, das histórias, sobre dominados fazendo adotar outras formas de vida.

Ao final posso dizer que os alunos aproveitaram a atividade para interpretar de forma criativa, expondo a sua compreensão e conhecimento vivenciado, como destaco aqui algumas frases retiradas da atividade por eles realizadas: “A Vida do homem do Campo é uma vida simples, porém é saudável e libertadora, as pessoas são alegres e adoram o que fazem” (Ju - 7ª série A).

“O Homem do Campo vai para a cidade achando que vai dar certo, e viram escravos da máquina” (Anda - 7ª série A).

“O homem do campo recebe menos recursos do que o da cidade por isso sai do campo para a cidade” (Nuno - 7ª A).

“A vida no campo é às vezes muito cansativa, mas nem por isso o homem do campo desanima” (Wlin - 7ª A).

2.1.3. Vídeo “Chico Bento na Roça é Diferente”

O vídeo “Chico Bento na Roça é Diferente”, permitiu diferenciar e perceber a vida na roça e na cidade, os diferentes costumes na alimentação e nos hábitos da

vida diária. A utilização da tecnologia e dos recursos naturais, a qualidade de vida obtida pelo homem do campo e a produção do seu próprio alimento.

Após o uso de vídeo realizamos uma discussão oral e depois inseri alguns pequenos textos para a leitura, despertando a curiosidade e o conhecimento, para realizar a interpretação escrita.

2.1.4. Textos Informativos

Trabalhei com textos informativos, para desenvolver o hábito da leitura, pois apesar dos alunos serem apaixonados pela tecnologia, precisam saber ler para entender. Neste texto “*O estereótipo do Jeca Tatu*” de Monteiro Lobato. Puderam analisar uma das formas de como se construiu a imagem do homem do campo, conhecido o Jeca Tatu, metáfora depreciativa do homem do campo.

Além de discutir sobre a forma como era vista o homem do campo, realizamos a leitura do texto: “O Êxodo Rural” e analisamos a realidade do município e a consequência do êxodo rural, através de uma discussão oral com questões interpretativas.

Essa discussão e a leitura dos textos serviram para que pudessem compreender que: a concentração de terras no país provoca o êxodo rural e, em consequência, problemas sociais e urbanos. Ao mesmo tempo em que tiveram atitudes procedimentais participando de debates, realizando a produção de textos e atitudinais se interessando pela realidade da comunidade e reconhecendo o êxodo rural como um problema estrutural. Após este trabalho procuramos conhecer as definições e diferenciações dos termos dados as diferentes propriedades: fazendas, sítios e chácaras.

Com esse texto, os alunos moradores da área rural puderam se identificar, sentindo-se inseridos no contexto que estava sendo estudado, percebendo-se como parte do assunto.

Continuando o aprofundamento, trouxemos o debate de algumas denominações que recebem, no Brasil, os que vivem e trabalham, no campo. O campo envolve diferentes sujeitos sociais que possuem papéis específicos. De norte

a sul do país a função exercida por eles vai ganhando denominações que muitas vezes se repetem em regiões diferentes e outras divergem. Foram apresentadas algumas denominações para as pessoas que vivem no campo, conforme James e Mendes (2005).

O texto facilitou a compreensão e contribuiu na identificação dos diferentes personagens do campo, bem como a sua importância no processo histórico do seu município, permitindo assim, conhecer o papel específico de cada trabalhador, a dificuldade encontrada por cada especificidade, compreendendo o envelhecimento do trabalhador do campo e a falta de substitutos no trabalho rural, percebendo a falta de valorização deste trabalhador, compreendendo criticamente que a situação na qual muitos trabalhadores se encontram, não é necessariamente culpa dele próprio, mas por uma situação social. Puderam perceber também que a juventude está saindo do campo para executar trabalhos repetitivos nas fábricas e que, se investissem em suas próprias propriedades, poderiam ter uma vida com maior qualidade e serem melhores remunerados.

2.1.5. Visita à propriedade familiar rural orgânica

Com o objetivo de preparar a visita, propusemos o estudo de um texto, diferenciando Agricultura Orgânica e Agricultura Convencional preparando também para a próxima atividade.

Para fortalecer todo o estudo feito e apresentar uma possibilidade concreta, organizamos uma visita à propriedade de Agricultura Familiar Orgânica do senhor Aparecido R. da Silva. Esta visita objetivou perceber e diferenciar uma propriedade orgânica de uma propriedade convencional, entendendo a natureza e sua importância para a sociedade, através do estudo em conjunto, da observação e da compreensão, podendo analisar de forma crítica a realidade da sociedade, da qual, ele faz parte.

2.1.6. Trabalho exposto através da fotografia em slides

Após a visita organizei as fotos em slides e montei uma nova aula com as informações adquiridas no passeio.

3 CONSIDERAÇÕES

O estudo do Módulo III, Práticas Pedagógicas em Educação do Campo, proporcionou-me o contato com práticas semelhantes ao que já havia trabalhado, mas, muitas vezes me questionava sobre a validade desta metodologia usada. Esse estudo possibilitou maior segurança, desafiando-me a buscar alternativas para melhorar minhas práticas pedagógicas, dando sentido à aprendizagem de meninos e meninas do campo. “Não podemos estabelecer uma separação estanque entre conteúdos e metodologia. Muitas vezes, não é o conteúdo diferente que marca a nossa proposta e sim, o jeito diferente de trabalhá-lo (MST, 2005, p. 148).”

Com isso me questionei diante desse novo desafio de construção do TCC, “Aulas: Dentro ou Fora da Escola?” Esse questionamento me conduziu a reflexão de minhas práticas, possibilitando que escrevesse este trabalho que demonstrou como as atividades aproximaram o aluno do conhecimento teórico ao conhecimento prático.

Em todas as tarefas propostas de estudo, os alunos conseguiram desenvolver as habilidades necessárias a um pesquisador, como a observação, a intuição, sensações e percepções, ao lado do levantamento, da seleção de dados e organização, favorecendo também a construção do conhecimento conceitual.

Para a realização do trabalho “Dentro e fora de sala”, foi necessária a participação da equipe pedagógica, o apoio da Secretaria de Agricultura disponibilizando técnicos para dar o suporte e orientações e da prefeitura municipal que nos cedeu o ônibus para nos locomover.

A escola precisa investir em uma interpretação da realidade que possibilite a construção de conhecimentos potencializadores de modelos de agricultura, de novas matrizes tecnológicas, da produção econômica e de relações de trabalho e da vida a partir de estratégias solidárias, que garantam a melhoria da qualidade de vida dos que vivem e sobrevivem no e do campo (CNBB- Texto Base, 1998).

Segundo Paulo Freire, "formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas" (1996, p. 15), "não há docência sem discência" (p. 23), pois "quem forma se forma e re-forma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado" (p.25). Desse modo, deixa claro que o ensino não depende exclusivamente do professor, assim como aprendizagem não é algo apenas do aluno.

Justifica assim o pensamento de que o professor não é superior, melhor ou mais inteligente, porque domina conhecimentos que o educando ainda não domina, mas é um aprendiz, participante do mesmo processo da construção da aprendizagem.

Contudo, ainda cabe considerar esta relação entre o que se propõe na educação do campo e o que se espera desta relação com a gestão das escolas para que se avance na construção de uma mudança efetiva na escola do campo.

Ghedini comenta:

É preciso considerar, mais que isto, que a mudança da escola, principalmente da escola do campo, não é tarefa simples, talvez nem seja uma "mudança", mas caberá a tarefa de criar e conceber esta "escola do campo" ou no dizer dos primeiros educadores dos assentamentos, esta "escola diferente", pois, de certo ponto de vista, o campo brasileiro ainda não teve esta oportunidade histórica (GHEDINI, 2007, p. 132).

Com essas experiências vivenciadas e acreditando que a prática deveria ser mais comum nas escolas, pois o maior aprendizado está na experiência vivenciada, deparo-me, ainda, com a grande insegurança na construção do planejamento anual e na sequência de conteúdos. Mesmo assim, esta vivência diária e a pós graduação, me fortaleceu na luta para a implantação da Casa Familiar Rural Ensino Médio em São Jorge do Patrocínio, pois entendi que só haverá jovens no Campo se houver conhecimento para tornar os jovens emancipados, pois se entenderem suas realidades fortalecerão suas identidades e terão força coletiva para brigarem por outra forma de organização social, política e econômica e, portanto, por outra realidade no campo, que não seja a submissão histórica, mas a de libertação. Como

diz Moran: A Educação tem que surpreender, cativar e conquistar os estudantes a todo o momento.

Finalizando o trabalho, apresento algumas fotos tiradas durante a visita de campo na Propriedade de Agricultura Familiar Rural Orgânica de São Jorge do Patrocínio. Como diz Ghedini (2010):

Cabe a nós professores trabalharmos para que a Educação do Campo aconteça dia após dia. É acreditando na resistência dos povos do campo que nos colocamos na tarefa de re-fazer a escola articulada ao espaço onde vivem estes povos e que, inevitavelmente, vai estimular a recriação da organização do trabalho e das práticas pedagógicas, baseadas em fundamentos que se coloquem desde as raízes destes povos.



FIGURA 1. Alunos do Colégio Estadual Marechal Arthur da Costa e Silva – Esperança Nova.

Fonte: Arquivo Pessoal.



FIGURA 2. O uso da rotação de culturas conduz à diversificação das atividades na propriedade.



FIGURA 3. Alunos do Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela. São Jorge do Patrocínio.

Fonte: Arquivo pessoal.



FIGURA 4. O Consórcio de Culturas: lucro certo nas pequenas propriedades.

Fonte: Arquivo pessoal.

Referências

ARAÚJO, Paulo Cesar de. **Eu não sou cachorro não**. Rio de Janeiro: Record, 2003. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/dom-ravel>>. Acesso em 17/abril/2011.

BICA, Gabriela Schenato; SILVA, Cristiane Rocha; HOELLER, Silvana Cassia. **A educação do campo na compreensão de educadores do Programa de Formação de Educadores**. Projovem Saberes da Terra no Paraná. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.encontroobservatorio.unb.br/arquivos/artigos/187.pdf>> Acesso em: 12/agosto/2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 05 de dezembro de 1998.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Senso 2010.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

GHEDINI, Maria Cecília. **Uma Educação e Uma Escola do Campo**. III Seminário Nacional de Educação, SENED, 2010.

_____. **A formação de educadores no espaço dos movimentos sociais do campo - um estudo a partir da "I turma de pedagogia da terra da via campestina/Brasil"**. Dissertação de Mestrado, UFPR: Curitiba, 2007.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. Papirus, 2007, p. 167-169.

PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (organizadores). **Práticas de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

RECUPERO, Rubens. **Ser informado é ser livre**. Folha de São Paulo, 1995. Sessão Opinião.

SILVA, Cristiane Rocha; HOELLER, Silvana Cassia. **Concepções de aprendizagem e desenvolvimento da educação do campo**. In: PAGLIA, Edmilson Cezar, et al. **Práticas pedagógicas em educação do campo**. Matinhos: UFPR Litoral, 2009.

Educanda:

PARECER

A educanda desenvolveu seu trabalho com grande esforço e dedicação, percebe-se que relatou uma experiência concreta de seu trabalho e que tem clareza da proposta de Educação do Campo. Foi uma atividade trabalhosa devido ao caráter do escrito e forma da Pós, percebe-se facilidade na incorporação de conceitos e dedicação em atender as solicitações da orientação.

Tem condições de defender seu trabalho na banca pela objetividade e relação com o tema da Educação do Campo, bem como a articulação com conceitos científicos possíveis à sua experiência.

Parabéns pelo esforço, continue estudando e avançando sempre.

Cecília Maria Ghedini
Orientadora